

SER OU TORNAR-SE MULHER: A POSIÇÃO FEMININA EM SOCIEDADE

Patrini Viero FERREIRA*
Luciane de Lima PAIM**

- **RESUMO:** É inegável que o estereótipo acerca da figura feminina no contexto social é permeado por padrões repressivos e normativos, que restringem a liberdade da mulher e reforçam a desigualdade existente entre os gêneros masculino e feminino. Pensando nisso, este artigo tem por objetivo aproximar os contos “*I love my husband*”, de Nélida Piñon, e “Amor”, de Clarice Lispector. A intenção é identificar de que maneira a figura da mulher é representada nesses contos, reconhecendo semelhanças e diferenças dessas apresentações. Para isso, foram utilizados autores como Beauvoir, Funck, Bourdieu e Saffioti, entre outros.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Figura feminina. Representação da mulher. Literatura brasileira. Desigualdade de gênero.

Introdução

O papel da mulher na sociedade, ao longo do tempo, foi sempre permeado por inferioridade, submissão e objetificação. Apesar das mudanças ocorridas através das épocas, muitos estereótipos institucionalizados acerca da figura feminina continuam em plena atividade. São muitos os textos literários que se debruçaram sobre essa temática, seja para reforçá-la, seja para ir contra os paradigmas impostos à mulher.

Principalmente após a ascensão das mulheres no campo literário, os discursos de oposição ao patriarcalismo e à autoridade masculina instituída nas bases da cultura foram proeminentes. A maior parte desses textos versavam sobre a vida e as tarefas relegadas à figura feminina e eram carregados de ironia. Duas das autoras que mais se destacaram no cenário brasileiro, dentro dessa tendência literária “feminista”, foram Clarice Lispector e Nélida Piñon.

* Doutora em Letras. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Programa de Pós-Graduação em Letras. Santa Maria, RS, Brasil – patyvii02@hotmail.com.

** Bolsista CAPES. Doutoranda em Letras. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Programa de Pós-Graduação em Letras. Santa Maria, RS, Brasil. 97105-900 – lucianelettras15@gmail.com.

Pensando nisso, este artigo selecionou como *corpus* de pesquisa os contos “*I love my husband*”, de Nélide Piñon, e “Amor”, de Clarice Lispector. O objetivo dessa aproximação é identificar de que maneira a figura feminina é apresentada nesses textos, pelo reconhecimento de semelhanças e diferenças nas escolhas das escritoras para construção de suas personagens. Desse modo, nosso texto se divide em duas etapas: de início, abordaremos estudos acerca da posição e da função da mulher na sociedade ao longo dos tempos. Em seguida, o nosso estudo será dedicado à análise dos contos selecionados, extraindo deles fragmentos que deem conta do objetivo proposto para esta investigação, com a qual tentamos refletir sobre a desigualdade entre homens e mulheres no contexto social e a maneira como essa dualidade pode interferir na vida de ambos os gêneros.

A mulher em sociedade: papel e posição

Ao buscar uma compreensão mais ampla acerca do papel da mulher na sociedade, é necessário voltar às origens dos grupos sociais e da cultura como hoje se conhece, enfatizando a formação do sujeito, das comunidades e das classes sociais. Pierre Bourdieu (2002) postulava que a cultura androcêntrica e, por consequência, a posterior “dominação masculina” não são naturais nem evidentes: na verdade, são conceitos histórica e socialmente construídos que se tornam tão intrinsecamente cristalizados nas mentes de todos os sujeitos a ponto de parecerem imutáveis. O autor defende, portanto, que não são as diferenças naturais que definem os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, mas sim, são os papéis determinados a cada gênero que tornam essa dualidade natural.

Bourdieu acredita que a grande força da ordem social instituída como “masculina” é a sua arbitrariedade¹. Assim sendo, a questão não está em negar diferenças biológicas entre os dois sexos, mas sim, em questionar a utilização dessas diferenças para justificação e manutenção das distinções culturais impostas a homens e mulheres. O autor destaca a dificuldade de se modificar esse panorama social: nem mesmo as mudanças que acontecem ao longo do tempo conseguem desconstruir por completo essa dualidade, à medida que a eficácia da violência simbólica e suas consequências “[...] estão duradouramente inscritas no mais íntimo dos corpos sob a forma de predisposições (aptidões, inclinações)” (BOURDIEU, 2002, p. 51).

A construção da mulher, portanto, baseou-se nessa tessitura social equivocada e, ao mesmo tempo, internalizada culturalmente a partir das gerações. Como resultado,

¹ As aparências biológicas e os efeitos, bem reais, que um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social produziu nos corpos e nas mentes conjugam-se para inverter a relação entre as causas e os efeitos e fazer ver uma construção social naturalizada [...] como fundamento *in natura* da arbitrária divisão que está no princípio não só da realidade como também da representação da realidade [...]. (BOURDIEU, 1998, p. 9-10).

vê-se que a mulher detém seu papel dentro da sociedade em detrimento do homem. Nessa mesma linha de raciocínio, Funck tece reflexões acerca da representação da figura feminina na sociedade. Para a autora, “[...] a identidade, como a de gênero, a sexual, ou qualquer outra, é produto tanto da cultura e do discurso, quanto da natureza que nos identifica na materialidade do corpo” (FUNCK, 2011, p. 67). Por intermédio dessa afirmação, Funck conduz a uma aceitação da necessidade de compreender a linguagem em uso, isto é, o discurso, como um instrumento para a construção do mundo, para que só então se torne possível entender de fato as diferenças estabelecidas entre homem e mulher.

É fato que a mulher ocupa uma posição subalterna perante o homem desde o início da vida em sociedade, sendo complementar a ele. Dentro de uma perspectiva próxima, a mulher pode ainda ser vista como uma acompanhante cuja função é entreter e servir ao homem; logo, ela seria um ser inanimado, sem sentimentos ou desejos próprios (ALLEGRETTI et al., 2018, p. 1). Em muitas civilizações, a figura feminina foi tratada como “objeto”, tendo estado, por isso, sujeita às vontades e exigências masculinas. É válido destacar que, segundo estudiosos, a origem do poder que o homem possui desde sempre sobre a mulher e seus filhos está inscrita na religião. A figura feminina não era valorizada dentro desse âmbito, e as elevadas funções religiosas eram relegadas ao homem. A mulher, no campo da religião, não era vista como uma “senhora do lar”; sua própria fé era designada ou ressignificada a partir do casamento.

Um dos espaços em que a desigualdade entre homem e mulher aparece com mais força é a família. Apesar das várias transformações que ocorreram nesse âmbito, a visão tradicional sobre a função da figura feminina no ambiente domiciliar continua impregnada em algumas civilizações. Sarti, em seu livro *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres* (2007), apresenta sua pesquisa sobre a importância da família na vida de classes menos favorecidas economicamente, realizada na cidade de São Paulo na década de 1970. A autora observou, em seus resultados, que os papéis de “homem” e “mulher” na organização familiar eram distintos e bastante específicos: enquanto a figura masculina era vista como o “chefe da família”, a figura feminina era a “chefe da casa”. Essas funções determinam, pois, a restrição dos direitos da mulher ao núcleo doméstico, no qual ela realizava as tarefas que lhe cabiam.

Voltando o olhar para o contexto brasileiro, é possível notar que, desde a colonização, o papel da mulher abrange diversas funções: algumas exóticas, outras degradantes e desumanas. De acordo com Silva et al. (2005, p. 71), as figuras femininas do contexto brasileiro “foram admiradas, temidas como representantes de Satã e foram reduzidas a objetos de domínio e submissão por receberem um conceito de ‘não-função’, tendo sua real influência na evolução do ser humano, marginalizada e até aniquilada”. As primeiras perspectivas acerca da mulher em território nacional se originam ainda dos “relatos de viajantes”. A partir dessas

narrativas, pode-se afirmar que os costumes dessas tribos eram tidos como “selvagens”, sendo associados à presença do Diabo. Essa visão incidia também sobre a mulher, que recebia tratamentos e tarefas relacionados ao campo da barbárie. Apesar de esse ser um ângulo estrangeiro, a cristalização desses postulados sobre a figura feminina se concretizou de modo tão intenso e efetivo, que o inconsciente das mulheres está atrelado a essas ideias até hoje, em alguns casos.

É interessante destacar que essa carga pejorativa pairando sobre a mulher, ou seja, o desregramento, o caráter pecaminoso e a fragilidade moral associadas ao sexo feminino fortaleceram as bases patriarcais de um sistema já instituído socialmente, que conectava o “bem-estar” feminino ao “poder masculino”. Outra das instituições que mais dissemina essa visão sobre o feminino é a Igreja. Emanuel Araújo (apud DEL PRIORE, 2001) afirma que reprimir o desejo da mulher, no Brasil colonial, era tarefa principal da instância religiosa, assim como das leis do Estado.

Esse fato vai ao encontro dos desejos dos pais dessas mulheres, visto que, “[...] ao arrebentar as amarras [...] a sexualidade feminina [...] ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas” (Ibid., p. 46). Essa opressão dos desejos femininos ganhava força a partir da ideia de que era a mulher a culpada pelo pecado original, de acordo com os dogmas religiosos, e, por isso, ela precisava ser vigiada durante toda a vida. Esse pensamento reforçava a autoridade que a figura masculina detinha sobre a feminina em todas as esferas da vida pública e privada.

Até o século XVII, o único modelo de sexo devidamente reconhecido pela cultura era o masculino, principalmente por influência da instituição religiosa. Esta tinha o objetivo de tolher a sexualidade feminina, e o fazia restringindo o papel da mulher dentro do núcleo social (SILVA et al., 2005). Ela era considerada um “homem invertido e inferior”, entendida como um sujeito menos desenvolvido em sua essência. É só no século XIX que a mulher avança, até certo ponto, nesse sentido, passando de “homem invertido” para “complemento do homem”.

É possível entender, a partir dessas informações, que a posição feminina na hierarquia social sempre foi dualista. Seu papel dentro da sociedade era moldado a partir de concepções masculinas, justificadas por pressupostos biológicos muito duvidosos que relegam a mulher à condição de ser frágil, de força física e capacidade racional menores. A argumentação biologistas sustenta que as mulheres, por conta da suposta “natureza feminina”, apresentam comportamentos “ilógicos” e “irracionais”, bem como sentimentos excessivos e descontrolados (CUNHA, 2014). Assim, elas precisam de alguém para protegê-las e orientá-las, e essa é, exatamente, a função do homem. A violência, nesse contexto patriarcal, pode ser justificada pela prevista “irracionalidade” das mulheres: muitas vezes, a figura masculina precisa utilizar sua força física superior para manter sua companheira em segurança, protegendo-a até de si mesma.

Compreende-se, portanto, que as relações entre homens e mulheres são construídas social e historicamente, sendo as responsáveis por determinar o papel do masculino e do feminino dentro de um sistema cultural. Essas visões e posições se cristalizam a partir de discursos e comportamentos reproduzidos por instituições de grande poder social, como escolas, famílias, Estados ou religiões. Os valores são, assim, transmitidos como universais e estabelecem regras para a convivência de homens e mulheres, ao mesmo tempo em que delegam diferentes níveis de poder a esses indivíduos. Como afirma Saffioti, a construção da identidade do homem – devido à insegurança de sua masculinidade – é baseada na negação do feminino. Dessa forma, a mulher é completamente anulada, em sua subjetividade, no contexto patriarcal: “No imaginário masculino, a mulher não existe como sujeito. Ela é ou o objeto a agarrar, a consumir, ou um outro homem” (WELZER-LANG apud SAFFIOTI, 1994, p. 152).

As categorias “masculino” e “feminino”, internalizadas e convencionadas histórica e culturalmente, sofrem uma ruptura com o desenvolvimento do conceito de “gênero”, que permite às mulheres, como afirma Saffioti (1994), romper como paradigma de “dominante” e “dominado”: estas perdem a consciência de “dominadas” e passam a construir uma visão das relações de gênero como conjunto. Cabe destacar que “gênero”, no sentido que aqui se emprega, é uma definição criada para compreender de que maneira as diferenças biológicas são construídas socialmente e como as relações de poder social e simbólico são tecidas.

A noção de “gênero”, portanto, se contrapõe à de “sexo”, que corresponde às diferenças biológicas, representadas por detalhes físicos de homens e mulheres. Scott (1990, p. 13) postula com propriedade essa oposição: “Entender o gênero como uma construção cultural implica superar os binarismos baseados no sexo, isto é, nas diferenças físicas e biológicas entre “macho” e “fêmea”, que opõem o feminino ao masculino, geralmente não em um plano de igualdade, mas sim, em uma ordem de hierarquia”. A partir do desenvolvimento dessa categoria, o binarismo biológico foi sendo superado, ao mesmo tempo em que se reforçou o pressuposto de que “gênero” é uma construção cultural que não se assume em um momento específico da vida, mas sim, constitui-se como um processo (SCOTT, 1990).

Uma parcela significativa das mulheres, aos poucos, deixou de corresponder ao ideal de submissão e obediência que constituía sua identidade ao longo do tempo e da história. Ao passo em que desenvolve sua consciência crítica e consolida sua cidadania como sujeito ativo socialmente, a figura feminina passa a ser vista como uma contestação ao poder masculino, já legitimado culturalmente. Esse exercício por parte das mulheres incita sérios conflitos entre o masculino e o feminino, na medida em que abala as relações estabelecidas entre os gêneros. De acordo com Saffioti (1994), é essa nova atitude – considerada “afrentosa” – das mulheres que se constitui como fator desencadeador da capacidade socialmente validada

de os homens transformarem agressividade em agressão. A análise que se inicia no próximo tópico deste artigo dá conta da situação da mulher em sociedade, baseando-se em contos de duas autoras brasileiras que se utilizam dessa dualidade entre homem e mulher para evidenciar a desigualdade latente entre os sexos na sociedade e na cultura de determinadas comunidades.

Literatura e realidade: a situação social da mulher

Publicado pela primeira vez em 1980, “*I love my husband*”, conto de Nélide Piñon, é narrado em primeira pessoa, sendo a protagonista uma senhora de meia-idade que discorre sobre sua condição de esposa e de mulher. O enredo desse texto é pautado em um monólogo interior da protagonista feminina, que já faz parte de seu cotidiano.

Eu amo meu marido. De manhã à noite. Mal acordo, ofereço-lhe café. Ele suspira exausto da noite sempre maldormida e começa a barbear-se. Bato-lhe à porta três vezes, antes que o café esfrie. Ele grunhe com raiva e eu vocifero com aflição. Não quero meu esforço confundido com um líquido frio que ele trará como me traga duas vezes por semana, especialmente no sábado.

Depois, arrumo-lhe o nó da gravata e ele protesta por consertar-lhe unicamente a parte menor de sua vida. Rio para que ele saia mais tranquilo, capaz de enfrentar a vida lá fora (PIÑON, 1980, p. 145).

Observa-se que a personagem, nesse conto, constitui-se como uma mulher que vive unicamente para cuidar de seu marido e satisfazê-lo. Ela internalizou desde cedo seu papel de “esposa”, o que a levou a perder sua identidade, fato confirmado pela ausência de um nome para a protagonista. Apesar de consciente de sua condição omissa e reprimida, essa mulher incorporou a rotina que dela se esperava – submeteu-se totalmente ao seu marido: é uma simples dona de casa que está sempre à espera do companheiro, pronta a atender suas necessidades e desejos. Cabe ressaltar que em nenhum momento do conto há uma afirmação de que essa mulher teve poder de escolha sobre seu próprio destino. Possivelmente, este lhe foi imposto pelo poder patriarcal, que dá ao homem a responsabilidade de sustentar o lar e à mulher a função de mantê-lo.

A situação da figura feminina não é muito diferente em “Amor”, conto de Lispector, apesar de apresentar algumas divergências. Publicado em 1960 no livro *Laços de família*, o texto apresenta a trajetória de Ana, a protagonista que, aqui, é nomeada. Narrado em terceira pessoa, esse conto volta seu enredo para questões existenciais: em determinado momento de sua vida, a personagem principal da trama demonstra uma insatisfação concreta com sua vida de esposa e de mãe.

Antes disso, porém, Ana é apresentada ao leitor como uma mulher que cumpria suas obrigações, assim como a personagem de Piñon.

Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E cresciam árvores. Crescia sua rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo o tanque, cresciam seus filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornas e sorrindo de fome, o canto inoportuno das empregadas do edifício. Ana dava a tudo, tranquilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida (LISPECTOR, 1998, p. 19).

Observa-se, a partir desse fragmento, que a vida da protagonista de “Amor” também é regrada por normas sociais específicas, que atribuem à mulher o papel de cuidar da casa, dos filhos e do marido, tarefas que Ana realiza diariamente. Uma das maiores diferenças entre os dois contos sob estudo reside justamente no destino de ambas as protagonistas. Em “*I love my husband*”, a personagem feminina é condicionada desde cedo à instituição do casamento e ao conformismo de que esse era, fatalmente, seu destino final:

Meu coração ardia na noite do casamento. Eu ansiava pelo corpo novo que me haviam prometido, abandonar a casca que me revestira no cotidiano acomodado. As mãos do marido me modelariam até os meus últimos dias e como agradecer-lhe tal generosidade? Por isso talvez sejamos tão felizes como podem ser duas criaturas em que uma delas é a única a transportar para o lar alimento, esperança, a fê, a história de uma família (PIÑON, 1980, p. 153).

A partir do fragmento acima, pode-se perceber que a personagem construída por Piñon tinha grandes expectativas sobre o casamento; afinal, segundo o que ela sempre aprendeu, “[...] a alma da mulher surgia unicamente no leito, ungido seu sexo pelo homem” (Ibid., p. 152). A ansiedade sentida pela protagonista se originava do fato de que a mulher só seria concebida como sujeito a partir do momento em que o homem lhe construísse essa identidade mediante o casamento. A figura feminina de Piñon refere-se a ela mesma como “casca” sem a consumação de sua relação com seu marido, como se o corpo que ocupa se tornasse completo apenas com a força e a autoridade do homem. As mãos do marido seriam as responsáveis por “modelar” o novo sujeito que ela se tornaria a partir do casamento, segundo as vontades e os valores que seu esposo considerasse adequados. Pode-se entrever um mínimo de consciência nessa mulher por meio da ironia presente em expressões como “agradecer” e “generosidade”, que remetem à impossibilidade de romper esses padrões cultural e politicamente instituídos. A última frase desse excerto do conto de Piñon define com precisão os papéis sociais relegados à mulher e ao homem no grupo social do qual fazem parte: a figura masculina é a responsável

por “transportar” tudo aquilo de que um “lar” precisa para se tornar “decente” e “correto” segundo os paradigmas vigentes ao longo daquele período.

Diferente da personagem criada por Piñon, Ana, protagonista do conto de Lispector, não foi educada para o casamento. Pelo contrário, sua juventude rebelde está implícita em algumas passagens do texto, como no trecho transcrito abaixo:

Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha – com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e o escolhera (LISPECTOR, 1960, p. 19).

Ana descreve sua juventude, ou seja, sua vida anterior ao casamento, como “doença de vida”. Essa expressão traz a suspeita velada acerca de suas atitudes exacerbadas e equivocadas quando jovem, que contrariavam, é provável, todos os padrões estabelecidos para a figura feminina daquele contexto. A protagonista logo “emerge” dessa situação e abre mão da felicidade que ela lhe trazia e da satisfação que sentia para ceder à pressão social relegada à mulher. Ela se junta, então, às pessoas “normais”, que viviam segundo as regras impostas pelos grupos aos quais pertenciam. Nota-se, no entanto, que a expressão “persistência” é um símbolo do esforço empreendido por esses sujeitos para seguir com esse estilo de vida. A vida pregressa de Ana, a partir da escolha pelo casamento, torna-se inalcançável.

Isso significa dizer que ela não pode mais retroceder nessa decisão, e, agora, precisa assumir seu papel como esposa. Sob essa condição imutável, a protagonista tenta se satisfazer com a perspectiva que constrói para sua vida atual: “compreensível”, uma verdadeira “vida de adulto”. A última frase reforça, portanto, essa possibilidade de “escolha” que a personagem teve o direito de fazer. Conclui-se, dessa forma, que, no caso de Ana, a protagonista escolheu esse destino, plantou as sementes para que sua vida se transformasse com a instituição do casamento. O conto apresenta ainda uma justificativa para essa escolha: “Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera” (Ibid., p. 19). Para Ana, esse destino imposto representava segurança e tranquilidade, duas das qualidades que ela valorizava em sua própria vida.

Apesar das diferenças entre as situações enfrentadas pelas duas personagens, observa-se que o caminho tomado por elas é o mesmo. Devido à sua posição inferior na sociedade patriarcal e a seu papel confinado ao núcleo doméstico, a voz da mulher era silenciada muitas vezes e, no âmbito domiciliar, não merecia nem ao menos ser narrada ou quantificada. Nos contos de Piñon e Lispector, essa afirmação

é reforçada em vários momentos: “Sou uma princesa da casa, ele me disse algumas vezes e com razão. Nada pois deve afastar-me da felicidade em que estou para sempre mergulhada” (PIÑON, 1980, p. 155) ou “Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado” (LISPECTOR, 1960, p. 19). Pode-se entender, a partir desses fragmentos, que ambos os contos apresentam a situação da mulher como restrita: confinada ao seu lar, cuidando de seus filhos e maridos, a figura feminina não poderia ousar sonhar com outro destino que não fosse aquele a que já estava relegada, um destino compartilhado por todas as demais mulheres que desejassem uma boa reputação em sociedade. O casamento torna-se, com isso, uma instituição quase obrigatória, que permite à mulher atingir a sua integral dignidade social e realizar-se sexualmente como amante e mãe (BEAUVOIR, 2009).

Pode-se afirmar que, mesmo de formas distintas, as personagens de ambos os contos incorporam e aceitam a função social destinada a elas. As duas protagonistas anularam a si mesmas em detrimento das necessidades que foram internalizadas em seu íntimo ao longo da vida, como se constata a seguir: “Todo o seu desejo vagamente artístico encaminhará-se há muito no sentido de tornar os dias realizados e belos” (LISPECTOR, 1960, p. 19). Também em “Sou grata pelo esforço que faz em amar-me. Empenho-me em agradá-lo [...]” (PIÑON, 1980, p. 156).

Cabe destacar, neste ponto da análise, o esforço que ambas as protagonistas realizam para convencer a si mesmas de que aquele é realmente o destino que lhes cabe. Esse esforço se manifesta na repetição de frases como “Eu amo meu marido” ou “Assim ela o quisera e o escolherá”, que enfatizam uma liberdade de sentimento e decisão fantasiosa, mas que se configura como um alento para a situação em que se encontram e torna menos pesado o fardo social relegado às personagens e à figura feminina em si.

Ainda que cientes de sua função social, aceitando seus papéis de esposas e mães, ambas as protagonistas nutrem dentro de si um desejo de algo maior, um inconformismo com o pouco que lhes cabe. Leiamos um excerto de Clarice:

Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantava riam dela. Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se [...]. Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções. Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto – ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido (LISPECTOR, 1960, p. 19-20).

E, agora, este de Nélida:

Nunca mencionei ao marido estes galopes perigosos e breves. Ele não suportaria o peso dessa confissão. Ou que lhe dissesse que nestas tardes penso em trabalhar fora pagar as miudezas com meu próprio dinheiro. Claro que estes desatinos me colhem justamente pelo tempo que me sobra (PIÑON, 1980, p. 155).

Os desejos mais íntimos das duas protagonistas revelam uma necessidade de alcançar voos maiores do que apenas aqueles que o casamento e a sociedade em si lhes proporcionam. Apesar de não admitirem, as mulheres sonham com uma espécie de independência, com uma vida em que possam ser donas das próprias escolhas e ações. É válido ressaltar que esses devaneios ocorrem justamente nos momentos de ócio, em que não há mais tarefas a serem cumpridas. Eles são rapidamente reprimidos, mais uma vez, com veemência e até mesmo uma vergonha velada. Isso reforça ainda mais a força das imposições culturais na vida das protagonistas, que representam a figura feminina no geral.

No entanto, as protagonistas dos contos nutrem dentro de si uma consciência profunda de sua condição de mulheres reprimidas e submissas, resultado dos padrões impostos à figura feminina por parte da sociedade e da cultura em si. Um trecho do texto de Piñon retrata com exatidão esse conhecimento:

Ele é único a trazer-me a vida, ainda que às vezes eu a viva com uma semana de atraso. O que não faz diferença. Levo até vantagens, porque ele sempre a trouxe traduzida. Não preciso interpretar os fatos, incorrer em erros, apelar para as palavras inquietantes que terminam por amordaçar a liberdade. As palavras do homem são aquelas de que deverei precisar ao longo da vida. Não tenho que assimilar um vocabulário incompatível com o meu destino, capaz de arruinar meu casamento (PIÑON, 1980, p. 153).

Aqui se observa que a relação com o marido é a responsável por dar à mulher a “vida”, que representa sua própria subjetividade e personalidade. A mulher tem arrancada de si qualquer possibilidade de independência, uma vez que o mundo externo ao ambiente domiciliar é levado a ela a partir da visão de seu marido, de forma “traduzida” e parcial. A perspectiva masculina é, mais uma vez, privilegiada em detrimento da feminina. A ironia que permeia as últimas frases do trecho selecionado explicita a situação de submissão e anulação total de si mesma a que a mulher se sujeita para satisfazer as expectativas do marido sobre si mesma e sobre a união que eles firmaram no ato do casamento.

A consciência de sua situação de mulher e tudo que isso envolve chega à Ana a partir de uma experiência cotidiana: no bonde, enquanto retornava das compras, a protagonista é impactada pela imagem de um cego mascando chiclete. Essa visão cotidiana é fundamental para o clímax do conto e pode representar o abrir de olhos definitivo de Ana, que a faz se dar conta de tudo que ela deixou para trás e da

condição a que estava submetendo a si própria. A cena descrita abaixo é o momento exato em que esse evento inaugura um novo momento na vida de Ana:

Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar – o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinada, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mascava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir – como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio. Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada – o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despencou-se do colo, ruiu no chão – Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada antes de saber do que se tratava – o bonde estacou, os passageiros olharam assustados (LISPECTOR, 1960, p. 20).

As reações do corpo da protagonista, aliadas à visão que tanto a impactou, foram as responsáveis por retirar Ana do torpor com que levava sua rotina: o coração batendo de forma violenta e o corpo inclinado, tentando ao máximo recuperar a imagem do cego e eternizá-la, marcaram a personagem e a fizeram compreender que sua vida estava longe de ser aquela que realmente desejava. A protagonista se sente insultada pela simples visão daquele homem mascando chiclete, porque parece que sua liberdade, mesmo restrita pela cegueira, é maior e mais bem aproveitada do que a de Ana. Essa constatação tem uma relevância tão grande na consciência da personagem que sua aparência se transfigura, aparentando “ódio”. O saco de tricô que se chocou com o chão e ruiu é o símbolo da vida perfeita que Ana levava no casamento e que foi destruída com o episódio narrado até então. O grito que a mulher solta da garganta representa, talvez, a forma de expressar o desespero que a condição em que vive no seu casamento e na sua própria casa causa em Ana. A partir do instante em que a visão da protagonista se expandiu, foi impossível para ela voltar a enxergar seu cotidiano como antes:

A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando a tricotara. A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito. Por quê? Teria esquecido de que havia cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar mais hostil, perecível... [...] O que chamava de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada. O calor se tornara mais abafado, tudo tinha ganho uma força e vozes mais altas (Ibid., p. 21).

Ana não conseguia mais identificar o sentido de todas as tarefas que tornavam sua rotina repetitiva e imutável. A personagem não reconhecia mais os elementos que lhe eram tão familiares anteriormente. O episódio vivenciado pela protagonista ao longo da sua viagem desconstruiu a vida que ela, com persistência e esforço, havia organizado solidamente para si mediante o casamento. A partir de então, o cotidiano transformou-se em um paradoxo: a “rede de tricô” se tornou “áspera”, o “bonde” era um “fio partido” e as “compras no colo” não possuíam mais função. O mundo modificou-se ao mesmo tempo em que a visão de Ana sobre si mesma e suas escolhas, e o “recomeço” independia da vontade da personagem. A frase “o mal estava feito” representa a ruptura que o evento experienciado por Ana consolidou definitivamente em sua vida:

Não havia como fugir. Os dias que ela forjara haviam-se rompido na crosta e a água escapava. Estava diante da ostra. E não havia como não olhá-la. De que tinha vergonha? É que já não era mais piedade, não era só piedade: seu coração se enchera com a pior vontade de viver” (Ibid., p. 24).

Esse rompimento interno de Ana, que se manifestava em seu corpo e nas reações que ele apresentava, levou-a a outro clímax ainda mais definitivo do que o episódio com o homem mascando chiclete. Esse evento aconteceu no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, ao qual a protagonista chegou por acaso, após ter perdido sua parada de ônibus:

A moral do Jardim era outra. Agora que o cego a guiara até ele, estremecia nos primeiros passos de um mundo faiscante, sombrio, onde vitórias-régias boiavam monstruosas. As pequenas flores espalhadas na relva não lhe pareciam amarelas ou rosadas, mas cor de mau ouro e escarlates. A decomposição era profunda, perfumada... Mas todas as pesadas coisas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos enviados pela vida mais fina do mundo. A brisa se insinuava entre as flores. Ana mais adivinhava que sentia o seu cheiro adocicado... O Jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno (Ibid., p. 23).

Dentro do Jardim, Ana via-se liberta das amarras que a sociedade lhe apresentava constantemente e que restringiam seus sentidos e suas escolhas. Ali, a personagem descobriu um mundo “faiscante” e “sombrio” e aproximava-se dele sem nem ao menos perceber. A intensidade com que aquele lugar impactou Ana modificou ainda mais sua visão sobre o universo que a rodeava, do qual ela abrira mão para se sujeitar aos padrões estabelecidos culturalmente para a figura feminina que ela representava. Observa-se que essas normas implícitas eram tão internalizadas no imaginário da protagonista, que, mesmo envolvida com a beleza e com o prazer que o Jardim simbolizava, surge nela uma sensação de “medo do

Inferno”, o que remonta mais uma vez à associação religiosa que se faz entre a mulher e o pecado, a imoralidade.

A figura feminina relacionada ao natural, quase selvagem, é uma linguagem semântica que se repete no texto de Piñon: os delírios da protagonista do conto “*I love my husband*” também são voltados para um ambiente primitivo, em que a força da mulher se sobrepõe a qualquer outro elemento:

Falei na palavra futuro com cautela, não queria feri-lo, mas já não mais desistia de uma aventura africana recém-iniciada naquele momento. Seguida por um cortejo untado de suor e ansiedade, eu abatia os javalis, mergulhava meus caninos nas suas jugulares aquecidas, enquanto Clark Gable, atraído pelo meu cheiro e do animal em convulsão, ia pedindo de joelhos o meu amor. Sôfrega pelo esforço, eu sorvia água do rio, quem sabe em busca da febre que estava em minhas entranhas e eu não sabia como despertar. A pele ardente, o delírio, e as palavras que manchavam os meus lábios pela primeira vez, eu ruborizada de prazer e pudor, enquanto o pajé salvava-me a vida com seu ritual e seus pelos [sic] fartos no peito. Com a saúde nos dedos, da minha boca parecia sair o sopro da vida e eu deixava então o Clark Gable amarrado numa árvore, lentamente comido pelas formigas. Imitando a Nayoka, eu descia o rio que quase me assaltara as forças, evitando as quedas d’água, aos gritos proclamando liberdade, a mais antiga e miríade das heranças (PIÑON, 1980, p. 149).

A consciência da protagonista acerca de sua condição de mulher e esposa despertam nela desejos de um futuro no qual pudesse fazer de suas vontades a sua prioridade. Esse futuro se relaciona a um ímpeto primitivo e quase selvagem, internamente latente na personagem. O vocabulário escolhido pela narradora para ilustrar os devaneios que lhe tomam a mente é bastante contundente e intenso e se associa ao campo semântico do natural, considerado “bárbaro” pela sociedade. Todas as ações descritas pela mulher se relacionam ao animalesco: “eu abatia os javalis”, “mergulhava meus caninos nas suas jugulares aquecidas”, “sorvia a água do rio”.

Nota-se que, no imaginário da protagonista, ela se transformava em alfa: observa-se, assim, uma inversão entre os reais papéis ocupados pelo masculino e pelo feminino na conjuntura social. No mundo estabelecido na visão da personagem de Piñon, era ela própria quem cumpria as tarefas designadas ao homem; era ela quem poderia dispensar o amor de Clark Gable, mesmo quando ele implorava pela reciprocidade de seus sentimentos. Clark Gable aqui simboliza a figura do homem irresistível, cheio de masculinidade e virilidade, que representa o modelo que deveria ser seguido pela figura masculina na cultura da qual a protagonista participava. O ato de deixá-lo “amarrado numa árvore, lentamente comido pelas formigas” é o máximo do rompimento das ideologias patriarcais e repressoras que

a personagem consegue imaginar. É interessante destacar, ainda, que todo esse panorama construído na imaginação dessa mulher lhe desperta “prazer”, lhe devolve o “sopro de vida” que havia sido suprimido pelas vontades do marido. Toda essa cena traz à protagonista a liberdade que ela não possuía em seu cotidiano empírico, no qual suas ações eram restringidas pelos desejos, expectativas e caprichos de seu esposo, o homem que todos diziam que ela amava.

Em última análise, cabe enfatizar que as regras sociais eram fortes nas personagens e estavam já cristalizadas em seu íntimo como mulher, dona de casa, mãe e esposa. Isso fazia com que, contrariando qualquer vontade própria ou consciência da situação opressiva que vivenciavam, essas mulheres se submetessem a esse padrão que delas se esperava. Os fragmentos finais dos dois contos representam essa submissão a uma rotina infeliz e sem satisfação a que as mulheres estão submetidas: “E, se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagassem uma vela, soprou a pequena flama do dia” (LISPECTOR, 1960, p. 25) ou “Um pão que ele e eu comemos há tantos anos sem reclamar, unguídos pelo amor, atados pela cerimônia de um casamento que nos declarou marido e mulher. Ah, sim, eu amo meu marido” (PIÑON, 1980, p. 156).

Considerações finais

A situação da mulher em sociedade se modificou ao longo dos tempos, mas é inegável que a diferenciação entre os gêneros masculino e feminino ainda existe e interfere diretamente na posição dos dois sexos na cultura internalizada. Vista como “inferior” – tanto biológica quanto subjetivamente –, a figura feminina precisou lutar para alcançar seu espaço na tessitura social, mas os parâmetros tradicionais difundidos pelas ideologias patriarcais ainda permanecem como uma sombra sobre a mulher.

Esses parâmetros exigem da figura feminina atitudes programadas e condizentes ao seu estatuto de mulher, que normalmente ocupa no ambiente doméstico suas mais importantes funções. As duas protagonistas dos contos de Lispector e Piñon representam mulheres que assumem esse papel delas esperado e se submetem às normas arbitrárias construídas historicamente.

Ao analisar a situação de ambas as personagens, conclui-se que elas não são tão distintas, apesar de algumas peculiaridades que as diferenciam. As duas mulheres dos contos cumprem funções socialmente relegadas à figura feminina: elas são esposas, mães e donas de casa que restringem seu cotidiano ao cuidado com o lar, com os filhos e com o marido. Suas vontades e expectativas mais profundas são reprimidas no inconsciente, lugar em que despertam como delírios ou devaneios internos em ambas as mulheres.

Apesar de se dedicarem às suas famílias e exercerem as tarefas que lhes cabem dentro do contexto social a que pertencem, as duas protagonistas têm a consciência de sua condição de dominadas e submissas. O desejo de liberdade, de romper com as barreiras que a sociedade lhes impõe, fica latente no interior das duas mulheres e é, inclusive, explicitado em várias passagens ao longo dos textos literários.

Por fim, esses contos são exemplos de discursos que promovem não apenas a denúncia da desigualdade em que vivem homens e mulheres, mas também a reflexão acerca da necessidade de modificar as estruturas sociais que privilegiam um gênero ao mesmo tempo em que oprimem outro. É fato que muitas das condições inerentes à figura feminina se modificaram ao longo do tempo, em épocas determinadas, mas os estereótipos ainda residem nas bases da cultura e no íntimo de diversos sujeitos.

FERREIRA, P. V.; PAIM, L. L. Being or becoming a woman: the female position in society. *Itinerários*, Araraquara, n. 55, p. 185-200, jul./dez. 2022.

■ **ABSTRACT:** *It is undeniable that the stereotype about the female figure in the social context is permeated by repressive and normative patterns, which restrict women's freedom and further reinforce the already existing inequality between the male and female genders. Thinking about it, this article aims to bring together the short stories "I love my husband" by Nélide Piñon and "Amor", by Clarice Lispector. The intention is to identify how the figure of the woman is represented in these tales, recognizing similarities and differences of these presentations. For this, authors such as Beauvoir, Funk, Bordieu and Saffioti, among others, were used.*

■ **KEYWORDS:** *Female figure. Representation of the woman. Brazilian literature. Gender inequality.*

REFERÊNCIAS

ALLEGRETTI, Fernanda Espindola et al. O papel feminino através dos tempos a partir do estereótipo de gênero: uma pesquisa bibliográfica. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 26, 2018, Ijuí. *Anais...* Ijuí: Unijuí, 2018. p. 1-5. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/10099/877>. Acesso em: 01 jul. 2019.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CUNHA, B. M. Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero. In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DE DIREITO DA

UFPR, 16. 2014, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2014. v. 1, p. 149-170. Disponível em: <http://www.direito.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2014/12/Artigo-B%C3%A1rbara-Cunha-classificado-em-7%C2%BA-lugar.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2019.

DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

FUNCK, S. B. O que é uma mulher? In: Palavra e poder: representações na literatura de autoria feminina. **Revista cerrados**, Brasília, v. 20, n. 31, 2011.

LISPECTOR, C. Amor. In: LISPECTOR, C. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1980. p. 19-29.

PIÑON, N. *I love my husband*. In: PIÑON, N. **O calor das coisas**. Rio de Janeiro: Record, 1960. p. 145-156.

SAFFIOTI, H. Violência de gênero no Brasil atual. **Estudos feministas**, Florianópolis, número especial, p. 443-461, 2. sem. 1994. Colóquio Internacional Brasil, França e Quebec. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16177/14728>. Acesso em: 01 jul. 2019.

SARTI, C. A. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. São Paulo: Cortez, 2007.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: SCOTT, J. **Mulher e realidade: mulher e educação**. Porto Alegre, v. 2, n. 15, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SILVA, G. C. C. et al. A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais. **Revista SBPH**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 65-76, dez. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582005000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 dez. 2019.

